



**40 ANOS DE EUBIOSE
EM PORTUGAL**

~ g r a a l ~



40 ANOS DE EUBIOSE EM PORTUGAL

**Texto incluído na Revista Graal do mesmo nome
Número especial comemorativo dos 40 Anos de Eubiose
em Portugal – 1956/1996**

Autorizada a reprodução parcial desde que citada a origem

A Comunidade comemorou em 1996 “40 ANOS DE EUBIOSE EM PORTUGAL.”

Não é demais realçar a importância única de tão relevante acontecimento no historial da nossa já longa Obra. Quantos sacrifícios, quanto trabalho, quanta devoção ao legado ingente do nosso admirável Mestre, consagrado em seus ensinamentos e suas revelações, para que fosse possível a egrégora edificada pela adesão e esforços conjugados de tantos irmãos, sem os quais a doutrina do porvir, a Eubiose Universal e o serviço à augusta Hierarquia Branca, preparatório para a vinda do Buda de Aquarius, a transição para a Nova Era e para que o papel messiânico do nosso país, no contexto planetário, se realizem na hora anunciada!

Esta efeméride configurou, de facto, uma consagração aos Mestres Excelsos e ao enaltecimento de quantos têm contribuído, adentro das suas possibilidades, para o engrandecimento da nossa Obra e para que a Comunidade constitua hoje uma esplêndida realidade.

Incluída no programa das comemorações, esta alocução, constitui-se como um contributo para a compreensão da realidade da Doutrina da Eubiose em geral e do trabalho da Comunidade Portuguesa de Eubiose em particular.

40 ANOS DE EUBIOSE EM PORTUGAL

Por Olímpio Gonçalves

Senhoras e Senhores.

Reunidos aqui, neste espaço que tem por nome Sala da Nau¹, que lugar mais predestinado, na singularidade dos fados, para comemorar os 40 anos da Eubiose em Portugal, a Eubiose, implantada neste país de navegadores que, outrora, partiram em demanda das Terras do Preste João, pelas rotas marítimas das grandes águas dos mares oceanos, materializando a vocação do Ciclo de Peixes! Nesses tempos, os nossos maiores, buscaram externamente, pela via da Hyna-Yana, a pequena barca, a dos mistérios menores. Não havia chegado a hora de acostar ao bom porto dos ancoradouros interiores da Nave, Arca ou Agartha do Rei da Índias Espirituais, porque Henrique não dispunha ainda da Nau da Maha-Yana, a barca maior, para navegar nos grandes mistérios, através de outros mares, o das águas ígneas, subtis e etéreas das energias do signo de Aquário.

Por isso, no bojo desta Nau, convido-vos a navegar um pouco, também, apenas por algumas curtas décadas, tantas quantas a idade da Comunidade Portuguesa de Eubiose, remontando a 1956, quando, nesse horizonte já psicologicamente afastado, quatro jovens argonautas, cavaleiros da Arga ou Arca, rumavam à grande aventura da busca do seu toão de ouro.

Vamos, porém, retroceder um pouco mais, a fim de situarmos os factos cronologicamente no seu devido contexto. Por coerência metodológica seccionaremos este trabalho em três fases: a exotérica, a mesotérica e a esotérica.

Na década de 1940-50, sob o jugo duro da repressão do chamado Estado Novo, um grupo algo numeroso e heteróclito de jovens intelectuais e artistas, poetas, pintores, ou mesmo simples amigos, reuniram-se em tertúlias nos cafés do Porto, discutindo os problemas do seu tempo, percorrendo com a curiosidade e intensidade tão próprias da juventude, não só o

¹ Alusão ao Salão Nobre “Sala da Nau” do palácio de Valenças, em Sintra, local onde foi evocada a efeméride.

COMUNIDADE PORTUGUESA DE EUBIOSE

panorama geral do país, mas sorvendo como uma miragem tudo quanto lhes chegava com os ventos da cultura além-pirinéus.

Tratava-se, no nosso caso, de um grupo bastante cosmopolita, relativamente a ideias e posturas, mas, nele, um pequeno punhado de jovens identificava-se entre si, devido à afinidade que o ligava no interesse comum pelos estudos, ditos, esotéricos. Liam e comentavam os poetas do Orfeu, interessavam-se pelos trabalhos simbólicos de Almada Negreiros, discutiam o Sebastianismo e o profetismo de Bandarra, de António Vieira e, sobretudo, de Pessoa, sob cujo conteúdo da Mensagem adivinhavam uma segunda leitura. Os mitos do V Império, do Desejado, do messianismo Lusíada, eram-lhes já familiares e constituíam como que um estímulo e um prólogo aos caminhos que iriam seguir futuramente.

PRIMEIRA FASE

EXOTÉRICA

“TRANSFORMAÇÃO”

Em 1949, esta afinidade, diríamos, electiva, define-se como uma quadratura constituída por Armando Ranito, Gabriel Velasquez, José Neves Gonçalves e nós próprios. Para nosso contentamento, estes irmãos estão hoje aqui, concelebrando esta efeméride. Sobre esta pedra de fundamento, de base quadrada, se erigiu todo o edifício ulterior. 1949 corresponde ao numero 23, à primeira lâmina do Tarot exotérico, o da actividade material. Por outro lado, é redutível ao integral teosófico 5, o Vau, o construtor de Pontes ou Pontífice, o que, desde logo, nos permite entrever um sem-número de correlações, que não poderemos desenvolver. Nosso propósito será apenas explanar, numa análise forçosamente muito sumária, alguns dos momentos mais significativos da vida da nossa Comunidade.

O septénio que media 1949 e 1956, decorre sobre o signo da actividade material do grupo, o lançamento de pontes, o que confirma aquele arcano. Fase que se caracteriza pelo intenso labor de pesquisa das vertentes esotéricas, de investigação e experimentação nas áreas do psiquismo, do animismo. Uma demanda que visava o domínio de referenciais que viessem a justificar todos os nosso anseios. Na verdade, algo, apenas pressentido, apelava de longe, como que uma voz ciciada, vibrando de forma familiar e, no entanto, difícil de contextualizar.

Aconteceu, como que por pura casualidade, que nos chegou ás mãos um número da revista brasileira “O Cruzeiro”, de grande difusão no Brasil, onde deparamos, um tanto excitados, com um insólito artigo que dissertava acerca da estranha problemática dos mundos subterrâneos, das humanidades que habitam esses mundos, os Jinas, e até da proveniência dos chamados “ovnis”. Este artigo fora redigido com base num conjunto de palestras proferidas no Rio de Janeiro por um eminente membro da então Sociedade Teosófica Brasileira, antecessora da Sociedade Brasileira de Eubiose, o comandante aviador Paulo Strauss, como porta-voz do seu Mestre, o Prof. Henrique José de Sousa, e que suscitaram, então, um vasto movimento de perplexidade, nuns casos, e de surpresa e expectativa entusiastas, noutros.

Curiosamente, todos estes jovens devotavam um interesse particular pela espeleologia, então introduzida no nosso país, e dedicavam-se esporadicamente à exploração de grutas e galerias subterrâneas, como as de Mira d’Aire ou as de Valongo, estas, no norte, muitos anos antes de que algumas fossem recuperadas e expostas à curiosidade dos turistas. Mas aquilo a que o articulista se referia era bem diferente e mais perturbante do que o interior superficial e mediato que nos desvendava o mundo da espeleologia. Aí, aludia o autor às viagens no Ártico e no Antártico do almirante Byrd, à hipótese das aberturas polares, enfim, aí se propunha um novo modelo para a estrutura interna do nosso planeta que chocava de forma agressiva com a tese académica propugnada e aceite pela ciência oficial. Falava-se de uma Terra Oca com um sol interior e de uma humanidade intra-terrestre detentora de um elevado nível espiritual e ético, que dispunha duma tecnologia poderosa e de uma constituição política, do tipo sinárquico, só idealizada vagamente, ao longo dos

COMUNIDADE PORTUGUESA DE EUBIOSE

tempos, pelas utopias de um Platão, de um Thomas Morus, de um Campanela, de um Francis Bacon ou de um Bullwer Lyton.

Estávamos, entretanto, em 1956. E logo decidimos escrever à Sociedade Teosófica Brasileira (não confundir com a Sociedade de Adyar). Como resposta, fomos brindados, muito fraternalmente, com um acervo de inesperadas revelações, algumas das quais, acerca do nosso próprio país: sua acção messiânica no futuro próximo, situada no contexto do importante contributo das descobertas marítimas dos portugueses para a transição do milénio, as quais, interpretadas sob o ponto de vista esotérico, iniciaram, de facto, há 500 anos, o vasto movimento de preparação da Nova Era.

Terá sido por mera casuística que o contacto entre Portugal e o Brasil se estabeleceu, precisamente, em 1956? Se 1949 equivalia à lâmina 5, a do Construtor de Pontes, o relacionamento com a Sociedade Brasileira fez-se sob a influência da lâmina 21, o “Mat”, o “Louco”, o Cavaleiro Andante ou Peregrino da Vida, o Édipo dos pés descalços.

Constituído em 1956 o vínculo directo com o Brasil, sob a vigilância silenciosa do Mestre iniciou-se uma abundante e regular remessa de material de estudo. 1963 culmina um septénio de reconversão a novos padrões de conhecimento e de conduta, assentes nos pressupostos que fundamentam a complexa problemática do ciclo zodiacal de Aquário, quanto ao Advento do novo Messias, das Hierarquias transplanetárias em actividade no nosso globo, do enquadramento de Brasil e Portugal no vasto processo de transição para o séc. XXI, e no contexto de uma vocação comum. Ideias e doutrinas, muitas delas, actualmente discutidas por outras escolas e instituições mas, ao tempo, totalmente ignoradas no nosso país, cuja primeira abordagem e sequente difusão se devem ao contributo da Eubiose, disso estamos convictos.

É certo que, por essa altura, excluindo a Sociedade Teosófica de Portugal, que pôde manter-se activa devido a certos factores que ora não vêm ao caso, o funcionamento de instituições de carácter espiritual estava proibido. A nação lusa atravessava, então, esse longo e obscuro túnel de isolamento ultramontano do “orgulhosamente sós”, distante de todas as correntes e fenómenos culturais da Europa e do mundo civilizado. E o simples facto de mantermos correspondência com o Brasil ou outro qualquer organismo iniciático internacional, nos expunha perigosamente às sanções da censura repressiva e às masmorras políticas. As novas gerações mal poderão conceber como seria pura estultícia imaginar, sequer, a constituição de uma estrutura comunitária nos moldes em que hoje existem, ou mesmo, a simples aquisição de um livro que versasse sobre estas matérias numa qualquer livraria...

Mas, 1963 inicia um novo percurso que termina em 1970. 1963 está indiciado pelo arcano 19, o “Sol Filosófico da Verdade”, cujo integral é 10, a “Roda da Fortuna”. Um axioma iniciático afirma que “quando o discípulo está preparado o Mestre aparece”. Ora, em 1963 estabelece-se o relacionamento directo com o Mestre El Rike, conhecido no mundo profano como Henrique José de Sousa e pelos seus discípulos como o “Professor”. É fácil inferir das consequências transcendentais que daí advieram para os discípulos portugueses. Entretanto, outros companheiros de jornada haviam chegado até nós, como Jorge Baptista, Mário Jorge Lino, José de Sousa, Maria Júlia e tantos, tantos outros que recordamos com saudade.

O ingresso de tantos companheiros implicava já um certo esforço de coordenação e justificava a implementação de uma estrutura orgânica susceptível de rentabilizar toda a actividade grupal. E não obstante o risco em que se incorria, sob o ponto de vista legal (eram proibidas quaisquer reuniões com mais de três pessoas), avançou-se corajosamente para a criação do primeiro organismo eubiótico com o “Instituto Cultural I. H. de Sagres” (repare-se: I. H. de Sagres = JHS), título eufemístico que, sob a capa da cultura, velava a sua real identidade de Casa Capitular da Eubiose em Portugal

Eis o segundo momento alto alcançado durante a vigência deste septénio. Organizados grupalmente, puderam eleger os corpos directores, constituir uma biblioteca e definir a

necessária emblemática do Instituto. Embora trabalhando em situação precária, a homogeneização da egrégora permitiu uma fecunda actividade, aos níveis pedagógico e teúrgico, no inesquecível 2º andar, n.º 100 da Rua Santo Ildefonso, na cidade invicta.

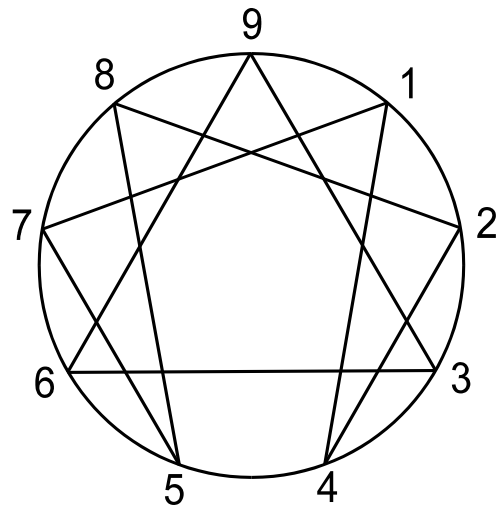
Enfim, em 1969, com o crescimento do Instituto, o numeroso agregado de membros e a maturidade alcançada no domínio dos ensinamentos eubióticos, considerou-se ter chegado o momento de transformar o Instituto I. H. De Sagres numa instituição que traduzisse verdadeiramente a sua procedência. Assim se dá nascimento à Sociedade Portuguesa de Eubiose, naturalmente, ilegal. Mas a Sociedade, conquanto com sede própria, estaria sempre amputada na sua vocação sem a existência de um espaço dedicado aos trabalhos cerimoniais. Felizmente, em 1970, a 24 de Fevereiro, inaugurou-se o nosso primeiro Templo, consagrado ao Avatara Maitreya. Estava colocada a cumeira desta fase atribulada, que nós designamos de “Transformação”, ao sacralizar este belo Templo, concebido pelo arquitecto Jorge Baptista. “Templo dos Anciães”, assim se cognominou, em homenagem à Ordem Oculta que presidiu ao nascimento desta Nação e desde sempre tem tutelado os destinos da Raça Lusa.

1970. Lâmina 17, símbolo de fecundidade, conhecida como “A Estrela”, regida por Mercúrio ou Hermes. Sim, a Estrela protectora dos Hermínios, os pais ou Pitris da Lusitânia, da Lux-Citânea, ou País da Luz. O Arcano 17, que condiciona toda a biorrímica da história nacional, redutível ao numero 8, que corresponde à sublime Ogdoad, símbolo do equilíbrio universal. Bom augúrio!... e todavia...

E todavia algo de imprevisto ocorreu, só perceptível se recorrermos à análise de um instrumento utilizado nas Escolas Tradicionais, o Hierograma sagrado designado, usualmente, por Eneagrama, devido à sua estrutura, instrumento assaz complexo que permite a diagnose e a prospectiva dos acontecimentos, quando ordenados num pequeno universo ou microcosmos.

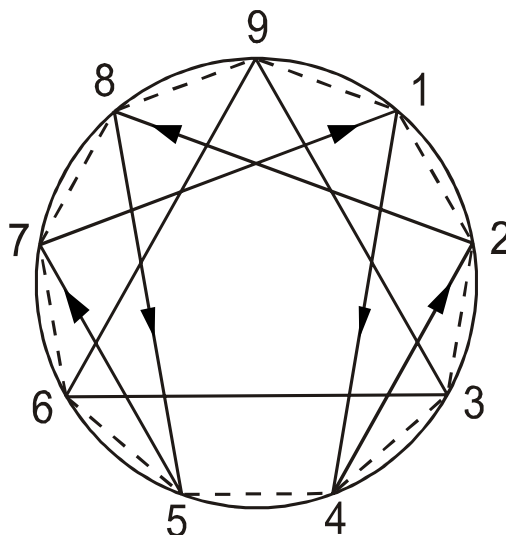
Ao longo desta explanação, referimo-nos, algumas vezes, ao termo septénio. Como iremos observar, do exame deste diagrama infere-se a ocorrência duma série temporal na vida da Eubiose Portuguesa, a qual, obedece a uma sequência rítmica específica, a da escala diatónica. São conhecidos ritmos e ciclos diversos, principais e secundários, grandes e pequenos, ciclos de base 3, 4, 5, 6, etc. Mas a cadência rítmica que regula a vida anímica da nossa Comunidade é, indiscutivelmente, de base 7, é septenária.

Para discorrermos sobre este diagrama, bastará que se diga que a sua estrutura íntima se radica numa relação entre o três e o sete. O eneagrama compõe-se de um círculo, que representa o todo, um dado “cosmos”, contendo inscrito um triângulo equilátero que divide a circunferência em três arcos iguais, cada um subdividido por três arcos menores, pontuados por segmentos de recta, os quais configuram um hexagrama especial. O conjunto dos vértices definidos pelo hexagrama e o triângulo constitui nove pontos equidistantes, o que confere a este hierograma o designativo de Eneagrama, com base no étimo “enea”, relativo a nove. O triângulo expressa a acção triádica da criação no espaço. Os segmentos orientados, representam os vectores dos princípios dinâmicos, temporais, de manifestação dos ritmos.



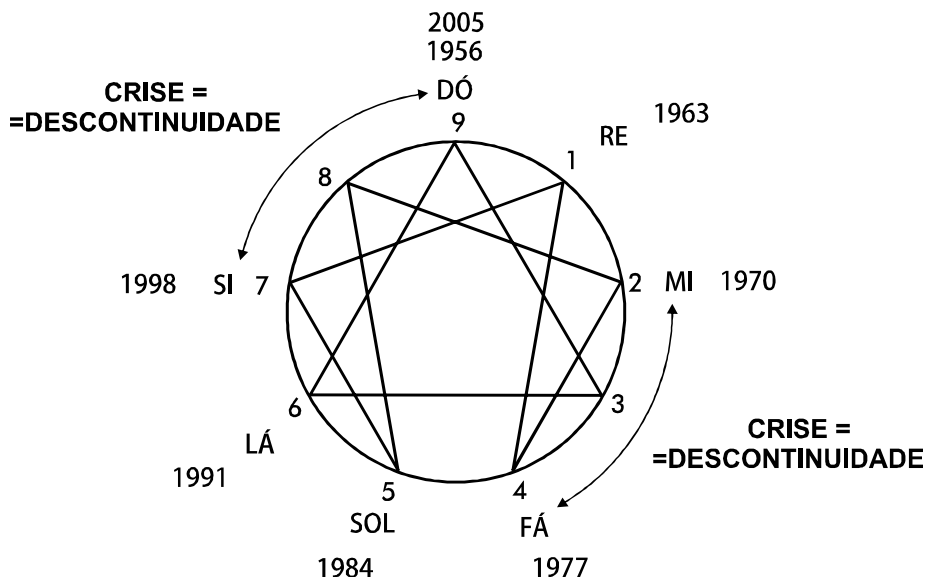
COMUNIDADE PORTUGUESA DE EUBIOSE

Se “entificarmos” os pontos de um a nove do eneagrama com a escala diatónica, verificamos que os vértices 3 e 8 denotam dois hiatos na série, provocados pelo facto de os intervalos entre os pontos 2 - 4 e 7 - 9 constituírem dois semi-tons. Isto é, a sequência rítmica septenária contém cinco intervalos completos e dois semi-intervalos, seja, 5 tons e 2 demi-tons, um entre Mi e FÁ e, outro, entre SI e DÓ. Existem, então, duas discontinuidades, duas soluções de continuidade na série diatónica. E no Eneagrama estas discontinuidades indiciam períodos de rotura, de mutação, de fragilidade e de risco.



Se identificarmos, agora, esta sequência rítmica com os ciclos septenários, iniciados em 1956, verificaremos que a sequência termina em 2005.

2005 corresponde exactamente á data vaticinada pelo nosso Mestre para o advento de Maitreya, o Buda de Aquário. Entre 1956 e 2005 perfazem-se sete septénios e sete septénios totalizam 49 anos. Quem convive, um pouco que seja, com a natureza dos números, sabe que o numero 49 está prenhe de significados simbólicos. 49 é o quadrado de 7. Expressa o termo de uma viagem. Assinala a cúspide de um ciclo e a partida para um novo ciclo, ciclo que não conduzirá a mera repetição, mas a uma transmutação radical, a uma passagem para outro estado. Mas se quiséssemos ir mais longe, poderíamos recordar que a base 7 multiplicada por 77, realiza uma estação cósmica, um ciclo jubilar ou templário de 539 anos... Subtraindo 539 a 2005, obtemos como resultado a data de 1466. Henrique, o nosso Mestre, assinala 2005 como o ano de aparecimento de Avatara de Vishnu, Henrique, o “Navegador”, 539 anos antes, activa a empresa consignada nas bulas de Nicolau V e Calisto III, a serviço da ordem de Cristo, de tornar navegável o mar até aos índios que se diz venerarem o nome de Cristo. “A bon entendre!”



Como é bela a harmonia dos números, dos ciclos e dos símbolos configurados pela geometria sagrada! E como resulta gratificante a confirmação de que as obediências tradicionais, governadas pela sabedoria dos mestres, se inscrevem na pulsação vibratória dos ritmos secretos da teia invisível dos padrões cósmicos e planetários!

Com a formulação da Sociedade portuguesa de Eubiose e a consagração do seu templo, sob a égide do arcano da Estrela, tudo parecia decorrer na maior das normalidades, mas a fatal descontinuidade denunciada pelo Eneagrama entre 1970 e 77, aí está a testemunhar que os números, as energias, a geometria sagrada, é que regem os nossos humildes destinos.

A admissão de uma gama de membros, não suficientemente amadurecidos, muito condicionados ainda por sua natureza psíquica, veio a constituir-se como factor próximo e objectivo de desestabilização no seio do corpo dos eubiotas. Dissimulando farisaicamente suas intenções, em breve se deixaram dominar pela ambição de um protagonismo mais intenso, conseguindo disseminar as sementes do antagonismo da separatividade e da dissolução. Incapazes de se identificarem com o que de mais primoroso e iniciático o Mestre ensinava, incipientes para abrangerem a grandeza de um projecto eubiótico de vocação estritamente Lusíada, no âmbito da sua tradição mais genuína, em breve utilizaram a influência económica e social, de que dispunham, introduzindo no Brasil uma campanha de intriga e maledicência bem orquestrada, a qual, infelizmente, foi bem sucedida e conduziu, com profundo pesar nosso, ao rompimento com a Sociedade Brasileira.

Irmãos, se doardes os vosso seres á Hierarquia, com a pureza e a sinceridade dos vossos propósitos, se vos colocardes aos pés dos Mestres determinados a servi-los e a contribuireis para a consecussão dos Seus altos desígnios, tereis de vos manter muito vigilantes, pois, mais dia menos dia, havereis de confrontar-vos com as forças subtis e desagregadoras do caos, que tentarão subrepticamente infiltrar-se nas vossas fileiras para agir através de certas consciências, as quais, consciente ou inconscientemente, apostam, sobretudo, na obtenção de dividendos pessoais proporcionados pela actividade grupal, na atribuição de funções eminentes gratificantes para os seus egos impúberes, preocupados com a sua auto-promoção e não com o serviço humilde e abnegado à humanidade. Assim como ensinou o nosso Mestre: “Só se serve a Deus, servindo a Humanidade”.

Brasil e Portugal encontravam-se nessa altura eubioticamente órfãos, pois o Mestre havia partido definitivamente para o interior do Roncador. E nada mais trágico do que ver partir o Timoneiro sob cuja mão, sábia e misericordiosa, podem os discípulos prosseguir seguros na sua rota de realização espiritual. Nosso Mestre El Rike afirmava que em todas as escolas esotéricas coexistem duas vertentes tendenciais, que Ele exprimia simbolicamente com as de Pedro e de Paulo; uma, a de Pedro, secular, literalista e devocional, nos casos limite, fanática. Outra, a de Paulo, de cunho iniciático, inspirada pela luminosa Sophia, a gnose da sagrada Tradição. E se a autoridade e a sabedoria do Mestre deixam de tutelar a harmonia e a coesão da egrégora dos discípulos, o que acontece? A imaturidade do maior número tende a rebelar-se contra a experiência e o conhecimento do menor número, apropria-se do mando, confunde a Autoridade com o Poder e introduz a anarquia dos mais ignorantes, subvertendo a ordem. A gnose, liberta e harmoniza. A devoção conduz facilmente à personalidade auto-centrada, ao egoísmo, ao individualismo.

Um dos motivos de dissensão, como já foi aludido, consistiu na incapacidade de alguns discípulos, aqui e no país Irmão, de aceitarem a vocação messiânica Lusíada da instauração de um V Império e do mito do Encoberto, augurada pelos nosso maiores, tais como Bandarra, Vieira, Pessoa e vaticinados por tantos visionários, tais como o Monge Napolitano, o Rolando, S. Dâmaso, etc. Porque a realidade para a Comunidade portuguesa de Eubiose é inquestionável: ao Brasil está reservada a prestigiosa missão de se constituir como o Berço da Nova Civilização, da 6ª sub-raça ariana emergente e de se sagrar como futura Capital Espiritual do Mundo. A Portugal competirá a promulgação ecuménica do V Império Planetário.

Não vai há muito tempo, um membro português de uma outra instituição eubiótica, questionado numa entrevista para um vespertino acerca do papel de Portugal no contexto escatológico da transição para o Terceiro Milénio, respondeu secamente e sem rodeios: Portugal nada tem a ver com isso (cito de cor).

COMUNIDADE PORTUGUESA DE EUBIOSE

No entanto, já Pessoa afirmava:

“As nações todas são mistérios. Cada uma é todo o mundo a sós.”

E ainda que o Mestre, com a sua autoridade, indiscutível para nós, tenha proclamado que o Advento de Cristo se dará no Brasil, Pessoa asseverava, de modo sibilino, quanto à expectativa dos portugueses na vinda do “Encoberto” : “o rei D. Sebastião é o homem, a esperança, o símbolo, o Mestre, o Cristo”. Palavras, aparentemente contraditórias, mas que no entendimento dos que podem ler o espírito vivo sob a letra que mata, conquanto paradoxais, estarão rigorosamente certas.

E não obstante a incompreensão e, talvez, a perplexidade de muitos, o próprio Mestre Henrique declarou:

“A Eubiose, no Brasil e em Portugal, corresponde a duas Ramas da mesma Árvore, que devem desenvolver-se em harmónico equilíbrio, como os braços de uma balança, na qual, o fiel é a Grande Fraternidade Branca, vibrando no peito do Monarca Universal, de cujo centro mesmo irradiam para as quatro direcções os quatro animais da esfinge, expressão Ideoplástica da Suprema Hierarquia Assúrica”. “Eu estou em Verdade e Espírito nessas plagas (Portugal), *origem da Obra* (o itálico é nosso), porque, aí, sou exaltado com fé e amor. Eu sempre estou onde me amam e com aqueles que crêem em mim...”

Mas sua ilustre esposa Helena, em missiva datada de 1967, escrevia de forma inequívoca:

“Perante a história da evolução terrestre, perenemente o destino de Portugal faz brilhar a lâmpada da chama clara, inspirando novos desígnios na elaboração e construção do QUINTO IMPÉRIO... marcados de forma indelével no Ouro e na Prata dos 23 arcos, como prova indubitável da Grande Missão de Portugal, diante do Mundo”.

Sim, caros eubiotas, não se seja mais papista que o Papa. A Eubiose, portuguesa e brasileira constitui duas ramas da mesma Árvore. E se o Brasil se perfila no horizonte próximo como futura Capital Espiritual do Mundo, só o virá a ser na medida em que a acção catalisadora, a gesta dos portugueses promova e irradie o V Império, para que o Quinto reino do Espírito santo, o do Preste João, o seja. No escrínio do porvir, por determinação do plano do Logos, se firma o duplo privilégio de que o jovem Brasil (o Filho) e Portugal (o Pai) formem a literalidade da acção obreira. Brasil e Portugal como a Balança Mística da Nova Era.

SEGUNDA FASE

MESOTÉRICA

“SUPERANÇA”

“Quando chegamos a extremos, mudamos; mudando, alcançamos a compreensão”.

Eis as sábias palavras da lei, enunciadas por Confúcio no “Livro das Mutações”.

Toda a crise é, potencialmente, o limiar criador de transmutações, de renovo das coisas. A crise verificada entre 1970-77 explica bem em que consiste o “Caminho do Meio”, o da Harmonia pela descontinuidade, pelo conflito.

Nascida na cidade do Porto Cale, a Obra viria, neste septénio de crise, e por via desta, a deslocar o seu principal foco de irradiação para Lisboa, a cidade da Boa-Lis e do “Vincens”, o “Corvo”, “aquele que vence”. Assim estava determinado pela Lei, que a Obra se firmaria na sagrada cidade das sete colinas, uma das moradas planetárias de S. João. Vivia-se, ainda, o rescaldo da alvorada do novo regime político (reparai no curioso paralelismo da descontinuidade do eneagrama: crise da Comunidade = crise nacional). A democratização tateava os seus primeiros passos, mas a liberdade de expressão e de reunião estava definitivamente assegurada. Após algumas tentativas e episódios, mais ou menos atribulados, de que não faremos menção para não abusar da vossa paciência, em 1977 alguns irmãos conseguiram reunir os seus esforços e congregarem-se em torno de um novo ashram e um novo templo, o segundo, o Templo de Allamirah, da Mãe Universal, mas consagrado a Maitreya.

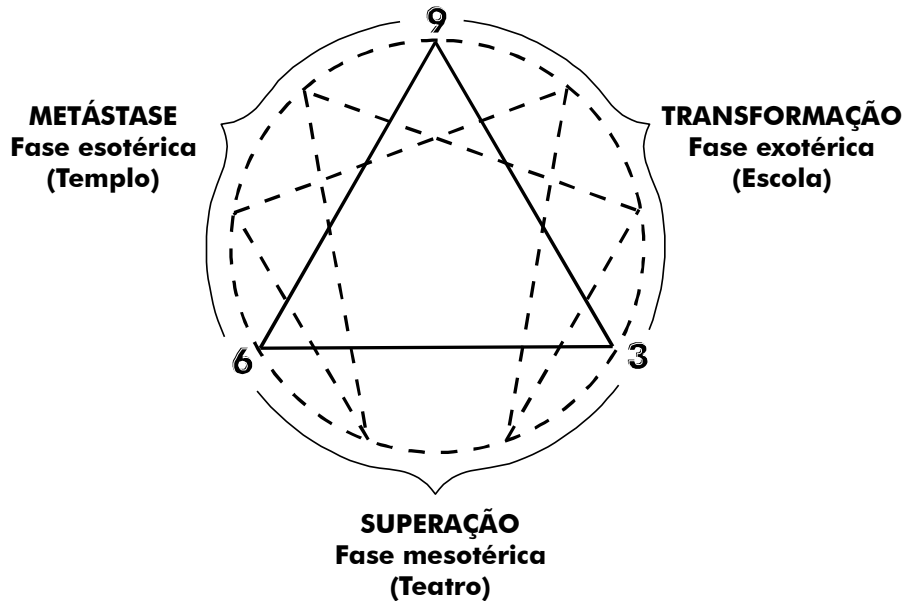
Afirma um aforismo que:

“As coisas que não têm nome não existem e que as coisas adquirem existência porque Deus pronuncia os seus nomes”.

Havia chegado a hora tão ansiosamente aguardada para a legitimação da Obra em Portugal. Por isso, com justificada alegria, a 21 de Junho, em pleno solstício de Verão, de 1979, constitui-se, por escritura notarial, a COMUNIDADE PORTUGUESA DE EUBIOSE.

1977, início de um novo septénio, que decorreria sob o signo do arcano 6, cujo atributo é, efectivamente, a “Liberdade”. Esta lâmina é a dos “Amantes”, porque simboliza a união amorosa, a atracção e o amor universais, a síntese dos opostos. 1977 culmina um dos três arcos do eneagrama, a fase Exotérica, que se identifica, por outro lado, com o aspecto “Transformação”, do Triângulo Individual, típico da doutrina da Eubiose. E como 1977 encerra o terceiro septénio, consuma um ciclo da ronda de 21 anos, o arcano maior expresso por “Mat”, o “Peregrino que carrega o saco das experiências”, a fim de alcançar a 22ª lâmina, a “Glória” ou “Vitória” da laureada, que, em nossa interpretação, corresponde à formalização da Comunidade.

COMUNIDADE PORTUGUESA DE EUBIOSE



Mas já que nos referimos aos três aspectos fásicos do eneagrama vamos, se me permitem, reter-nos mais um pouco sobre as suas correlações com os Triângulos de realização preconizados pela Eubiose.

Mestre El Rike insistia na utilização do método maiêutico, socrático, de ensino e pautava a instrução e a dinâmica da Instituição por dois Triângulos de realização esotérica, que, tal como sistematizou o Mestre, representam dois aspectos complementares para a reconversão dos discípulo: o “Triângulo Individual” e o “Triângulo Grupal”.

O primeiro, projecta-se numa dimensão puramente pessoal, cujo percurso conduz à reintegração na Seidade, o Si Próprio. O discípulo depara-se com três níveis sucessivos: o da Transformação da sua Personalidade, o da Sublimação dos factores antagónicos e negativos e o da elaboração do alinhamento ou antakarana que permitirá paulatinamente ao Ego Superior, o Anjo Solar, manifestar-se, através do satori, isto é, a divina Metástase do ego inferior, da consciência integrada da personalidade com a sua Alma. Vimos claramente, no eneagrama como cada fase deste Triângulo se identifica com os arcos exógeno, mesotérico e endógeno.

O segundo Triângulo de realização eubiótica está afecto ao desenvolvimento grupal e processa-se através de três áreas: a Escola, o Teatro e o Templo. A Escola introduz o discípulo no conhecimento e assimilação da Sabedoria das Idades; no Teatro, o discípulo busca aplicar os conhecimentos adquiridos e as experiências acumuladas ao nível dos comportamentos, das relações justas, isto, no palco da vida, no quotidiano. O Templo proporciona ao grupo a actividade teúrgica, a magia cerimonial, em consonância com a tónica do 7º raio, o raio ametista da transmutação, da pureza, como raio de síntese vigente na Era de Aquário.

Em síntese: o septénio que media 1977-84, demarcou-se como uma época de plenitude, bem determinada, na história de Comunidade.

1º Corporizou-se a sua existência legal.

2º Redefiniu-se a sua estrutura orgânica.

3º Potencializaram-se os dois princípios sinárquicos, o do Poder, balizado pelas exigências estatutárias, e da Autoridade, consubstanciado no seu Colégio de Estudos e Corpo de Dignitários.

40 ANOS DE EUBIOSE EM PORTUGAL

4º Dinamizou-se todo um projecto programático de visitas de estudo, de palestras, de cursos, de relacionamento com outras instituições, etc.

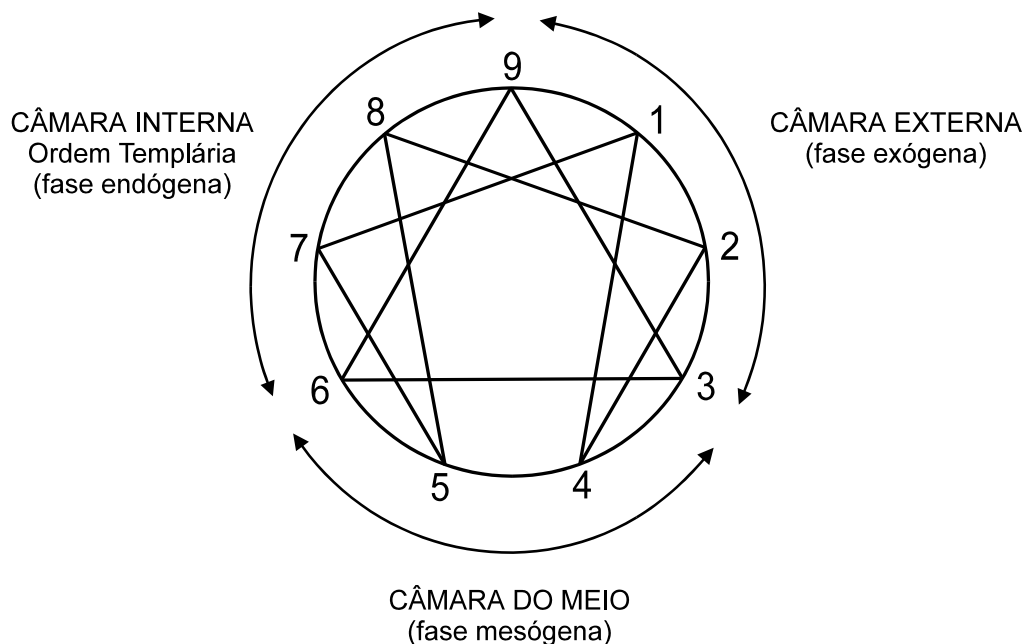
5º Publicou-se “O Graal” revista oficial da Comunidade.

Muitos amigos, aqui presentes, recordar-se-ão de muitas dessas actividades, levadas a efeito no Ashram de Sintra, na Mansão dos Avelares.

Naveguemos para 1984-91, o quinto patamar evolutivo da Obra. Com este quinto estágio alcançou-se a lâmina que corresponde ao “Mestre dos Arcanos”, ao “Hierofante”, à ideia de animação, vida radiante, reunião, etc., pelo que não nos deteremos mais aqui.

Estamos, pois, no septénio que parte de 1991 e terminará em 1998. 1991 é dominado pelo arcano 20 “O Julgamento”. Preferimos chamar-lhe “A Ressurreição”. Outros, porém, apelidam-no de “O Juízo Final”. O Choan S. Germain assevera que este arcano conclama os discípulos para que estejam atentos á missão que devem cumprir, porque a Providência lhes revelará essa missão, se estiverem dispostos a aceitarem a mensagem do arcano. A Ressurreição sugere um estado de superação, através de um testemunho, de uma prova, a morte de algo. E de facto, a Comunidade foi constrangida a submeter-se a uma curta prova de morte simbólica ao perder o seu Ashram dos Avelares, por acção judicial dos proprietários. Acreditamos que a mensagem foi suficientemente interpretada. Muito trigo foi apartado do joio, perante as dificuldades. Algumas inflexões ajustaram melhor o redimensionamento das nossas estruturas.

Vencendo mais um patamar, durante o solstício de Verão de 1992, à hora 17, hora solar, novamente a Estrela Flamejante brilhou no zénite do Grande Ocidente, sob o influxo da “Sentença de Deus”, sagrando-se o novo templo e, com ele, o apogeu triádico templário. O Tarot oculto, um Tarot Agartino, caracteriza este arcano como o “Deslumbramento pelo regresso ao Divino”. E, 17, corresponde ao número biorrímico da portugalidade.



Três templos para três arcos capitais e ascendentes na euritmologia eubiótica. Todos consagrados a Maitreya. Mas este último, e o derradeiro, assim o pensamos, edificado em breve, na sua totalidade, segundo os padrões sagrados, os cânones simbólicos inscritos na sagrada ciência operativa, como reflexo material das três Câmaras da Eubiose: a Exterior, a do Meio e a Interna, ou seja, o Átrio, o Claustro, o Ádito de passagem e o Sacrário ou Templo.

TERCEIRA FASE

ESOTÉRICA

“METASTASE”

Prezados amigos, estimados irmãos.

Até aqui procedemos a um exame retrospectivo, ainda que compreensivelmente sumário, do historial da Comunidade Portuguesa de Eubiose. Como se poderá observar pelo eneagrama, 1998 baliza um novo hiato, um novo percurso de descontinuidade que durará até 2005, ano já suficientemente assinalado por nós como o da vinda de Maitreya e o da instauração da “Res Publica” Universal. A diagnose foi relativamente fácil, face aos sucessos reais, mas como proceder à prospectiva dos eventos futuros?

Constatámos que o giro dos sete septénios da Eubiose culminam no ano de 2005 e que, ao morder a própria cauda, a serpente Oroboros encerra um ciclo maior e anuncia o surgimento de uma Nova Ordem planetária. Que surpresas nos reservará ainda este septénio em decurso na vida da Eubiose? Toda a futurologia assenta em conjecturas e todas as conjecturas, mesmo fundamentadas, correm o risco de distorcer a fiabilidade dos factos. A alternativa mais confiável será, talvez, a de nos atermos metodicamente aos dados fornecidos pela hermenêutica sagrada, procedendo à sua exegese. Acreditamos que, de forma alguma este exercício seja despiciendo, pois, no plano das similitudes, bem poderá acontecer que o futuro nos revele algumas concordâncias entre os ritmos mundiais e o deste microcosmos que é a Eubiose.

HERMENÊUTICA SAGRADA

Ano de 1998

1 - ARCANO: Lâmina n.º 9. O Adepto, o Ermitão.

Aforismo: “Uma estrela brilha na lanterna. Seu fanal insinua: Onde Eu estou podes estar tu”.

2 - AXIOMA TRANSCENDENTAL

“Sobe ao Monte. Contempla a Terra Prometida. Mas não digo se entrarás nela”.

3 - POSTULADO AGARTINO

“Redenção pela Sabedoria e Santidade”.

4 - ATRIBUTO CÓSMICO

“O Nome de Deus”.

5 - PREDICAÇÃO MODELADORA

Plano Espiritual: “A luz divina nas obras humanas”.

Plano Mental: “A discreção, o juízo que compara e decide”.

Plano Físico: “Culminação da Obra concluída e ascensão para planos mais elevados”.

A lâmina 9 é a do Eremita. O eremita traz a sua lanterna na mão, acesa, para iluminar o caminho a quantos o quiserem seguir nessa imprevisível caminhada. Corresponde-lhe a nona letra hebraica teth e o signo de Leão. Teth, representa, hieroglificamente, um tecto, uma cumeeira, símbolo de protecção. Exotericamente, significa serpente e a serpente é um símbolo de sabedoria. Subentende o mistério, o insondável, a ocultação, mas também “renovatio”, renovação (recordemos a mudança sazonal da pele neste ofídico). A letra T indica que o eremita não percorre um caminho qualquer, mas a via do Tao, o Caminho da Serpente da Sabedoria, figurado no seu bastão, a vara da Iniciação ou coluna vertebral, e uma via solar, a do leão. O Leão tem como seus atributos o sentido de orientação, a consciência do Eu Superior, o valor, a coragem, a realeza. A Cristo se chamou o “Leão de Judá” e o “Rei dos Reis”.

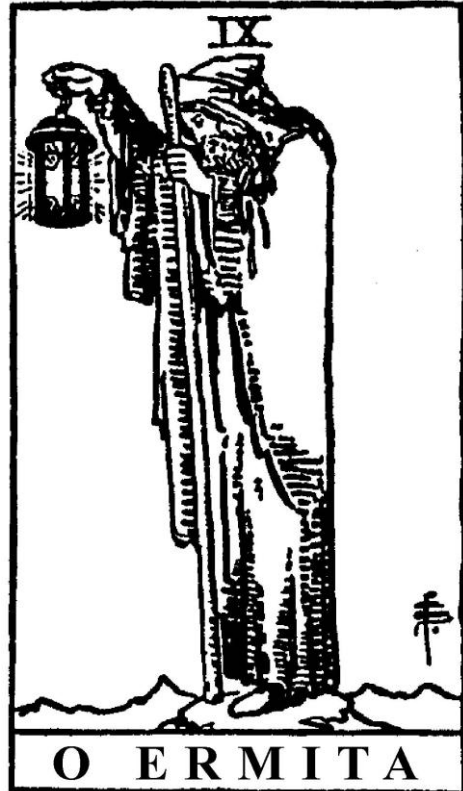
Que advirá para além de 1998? Poderemos sabê-lo, poderemos não sabê-lo, pois se o Aforismo do Adepto promete: “Uma estrela brilhante na lanterna, onde Eu estou podes estar tu”, o Axioma invectiva: “Sobe ao Monte (o pico de 1998, que precede a solução de continuidade), sobe ao Monte, contempla a Terra Prometida”, mas termina esfingicamente: “mas não digo se entrarás nela”.

De certeza, apenas poderemos concluir que a egrégora da Eubiose portuguesa confluirá para o domínio de outra esfera, de um outro ciclo, que pertence mais ao mistério da transição, o “Salto de Cavalo” que corresponde à grande mutação de Kali para a Idade de Ouro. Que ocorrerá então? O eclipse da Idade Negra? A hora do Rigor e da derradeira Rectificação pelo esquadro da lei?

Presentemente, as forças cíclicas da lei, as do 1º Raio, estão em actividade e com um poder crescente processam a “Queda da bastilha Universal”. Nossa responsabilidade, assim como a de todos quantos trabalham a favor das forças da luz e da Hierarquia Soberana, é preservar o mundo da rotura que se aproxima celeremente do teatro terrestre, é lançar os rios da esperança e do reconhecimento do novo Eden que acolherá no seu seio os Adãos redimidos.

Quem, armado com os atributos exigidos, contemplará, acaso, a terra prometida e penetrará nela? Os que percorreram a Via do Tao, o caminho da serpente de sabedoria em busca da estrela que brilha na lanterna, os que poderão ostentar na sua fronte o “Nome de Deus” como palavra de passe? “A Predicação Modeladora” garante aos eleitos, aos predestinados “A Luz Divina nas Obras Humanas”, a “culminação da Obra concluída”, “A ascensão para planos mais elevados”.

“Magnificência dos Grandes” – assim aludiam os pitagóricos ao numero 9 – se seguirmos o eremita, efectivamente. S. Germain, o Mentor do ciclo zodiacal de Aquário denomina esta lâmina como a “Lâmpada Velada” e descreve-a deste modo:



40 ANOS DE EUBIOSE EM PORTUGAL

“Um velho, símbolo da Sabedoria, mantém acesa uma lâmpada, que cobre parcialmente com o seu manto, como signo da discreção. Caminha apoiado num bastão, símbolo da força adquirida através da experiência. Este arcano significa que, em todos os casos da vida, há que apelar à sabedoria. Ensina, também, que se seja discreto e calado em todas as circunstâncias críticas”.

Palavras de S. Germain! Logo, quanto à prognose deste último septénio da Comunidade Portuguesa de Eubiose, seguirei, humilde e prudente, o conselho do excelso Choan: discreto, calarei, encerrando aqui este modesto trabalho.

Gostaria de ser membro da Comunidade Portuguesa de Eubiose?

São fins específicos da Comunidade Portuguesa de Eubiose promover o estudo, a vivência e a difusão da Eubiose tal como é postulada na Doutrina Eubiótica, pelos seguintes meios:

Desenvolver as tendências, atributos e virtualidades superiores, latentes no homem, de acordo com a tónica de Aquarius e a sua biorrítmica;

Consagrar objectivamente os cânones e características específicas da Nova Era cuja consecução será a Sinarquia Universal;

Contribuir para o enriquecimento dos conhecimentos da Humanidade à luz da conceituação do Novo Humanismo e Renascentismo Aquarianos.

A Comunidade é rigorosamente neutra em matéria de natureza política e religiosa, não visando fins lucrativos.

Se está em consonância com estes princípios, solicite sem qualquer compromisso o questionário de ingresso.



Comunidade Portuguesa de Eubiose

Priorado Sinárquico Eubiótico da Lusitânia

www.cpeubiose.pt

www.facebook.com/cpeubiose

cpe@cpeubiose.pt

Apartado 4175

1504-001 LISBOA